PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Dra. Arlene Badoch – Doação de órgãos e tecidos

A doação de órgãos é um assunto que é preciso discutir tanto na área da saúde quanto com as famílias e a sociedade. Perder um ente querido nunca é um momento fácil, mas é possível salvar vidas com a doação de órgãos. Basta que, em vida, a família esteja ciente de que a pessoa deseja ser doadora de órgãos. Existem pré-requisitos para a doação de órgãos e o caso é minuciosamente analisado por uma equipe profissional e capacitada. Para falar sobre isso, convidamos Dra. Arlene Badoch, Médica Coordenadora de Transplantes de Órgãos e Tecidos do Paraná.

Entrevistada: Dra. Arlene Badoch
Médica Coordenadora de Transplantes de Órgãos e Tecidos do Paraná

O que é necessário para doar órgãos ou tecidos?

Quem doa é a família, são eles quem decidem e autorizam a doação, por isso que não se deixa nada por escrito e o importante é que você fale junto à sua família que é um doador de órgãos. Quem vai tomar essa decisão no final é a família, mas ela é mais fácil quando se tem clareza da vontade da pessoa.

Quais são os tipos de doadores?

Temos o doador falecido e o intervivo. O falecido vem de morte encefálica ou parada cardiorrespiratória.

Quais tecidos podem ser doados após a morte?

Depende da idade do doador, da causa da morte, das doenças que ele teve em vida. No momento do seu falecimento, a equipe médica vai avaliar quais tecidos podem ser doados.

Quais órgãos podem ser doados?

Pulmão, rins, fígado, coração, ossos, pele, tecido ocular, tecido cardíaco etc. Todos, até mesmo intestino.

E em vida, quais órgãos podem ser doados?

Um rim, um pulmão, uma fração de fígado e medula óssea.

Quem pode e não pode ser doador?

Dependendo do tipo de órgão, tem um limite pela idade e por doenças infecciosas. Por exemplo, um paciente aidético não pode ser doador, uma pessoa acima de 60 anos não pode doar um coração, mas pode doar fígado e rins. Cada situação é analisada individualmente.

Como ter certeza da morte encefálica?

É bem tranquilo. O Brasil é o país que tem um dos mais rígidos protocolos de verificação de morte encefálica do mundo, são exames clínicos, laboratoriais e de imagem e o processo é feito por, no mínimo, dois médicos.

Como fica o corpo após a retirada dos órgãos?

O corpo é totalmente reconstruído. Quem não sabe que houve doação, não vai perceber nada e o velório pode ser com caixão aberto. A captação de órgãos é como se fosse uma cirurgia.

Quem pode receber esses órgãos?

A identificação dos pacientes que vão receber órgãos no Brasil é totalmente informatizada. A escolha vai ser feita de acordo com os critérios de portaria, através de um sistema informatizado, sem a mínima possibilidade de influência externa. É um sistema completamente democrático e transparente, com total prova de credibilidade.

Quais são os critérios para distribuir esses órgãos e tecidos?

São vários os critérios. Tipo sanguíneo, principalmente; peso, altura, e cada órgão tem um critério específico de acordo com a lei.

Se a família quiser doar os órgãos, ela terá algum custo?

Não, nenhum. Todo o processo é subsidiado pelo SUS, inclusive se o paciente estiver internado em um hospital particular ou através de convênio, ele passa a

ser SUS para fazer todo o diagnóstico e para realizar todo o processo. O mesmo vale para o paciente que vai receber esses órgãos. Se o paciente que vai receber quiser pagar o serviço médico ou hospitalar, ele pode, o órgão é totalmente gratuito e fornecido pelo SUS.

Qual é a importância de fazer a doação de órgãos?

É um ato de solidariedade, amor ao próximo, responsabilidade social, pois a distribuição é democrática, transparente e não existe a menor possibilidade de privilégios para nenhuma pessoa na lista de transplantes.

Um doador pode salvar até quantas pessoas?

Um doador pode salvar em torno de 8 pessoas quando se fala em órgãos, fora pele para queimados, ossos para quem tem câncer de ossos, incluindo crianças.

Qual outra orientação você gostaria de acrescentar sobre este tema?

Fale com a família sobre ser doador, se faça lembrado depois da sua morte e tome consciência sobre seu papel na sociedade.

Entrevistada: Ir. Veneranda da Silva Alencar
Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança

Como podemos ajudar as crianças a serem solidárias?

A solidariedade é algo que brota do mais profundo desejo de ajudar e se aprende na família. Uma criança está sempre observando tudo o que sua família faz, se ela nasce e cresce em uma família solidária, mais fácil será para ela aprender e imitar essas atitudes, para assim ter um coração aberto para ajudar a quem precisa. Por isso, vamos multiplicar gestos de solidariedade na família e na comunidade para que realmente possamos transformar a vida para melhor e construir laços fraternos entre todos.